

+JOVEM

47 VIDAS CM

**TOO HOT PARA
FICAR NO
ARMARIO!**

JULHO 2022

3ª EDIÇÃO

3 ° EDIÇÃO MARÇO 2022

EQUIPA DE DIREÇÃO

Rita Almeida / Javier Elorz

EQUIPA DE REDAÇÃO

Catarina Ferreira, Henrique Pereira, Raquel

Rodrigues, Andreea Afloarei, Joyce Rodrigues,

Vasco Oliveira e Soukaïna Aroussi

EQUIPA DE REDAÇÃO



SOUKAINA



ANDREEA



CATARINA



HENRIQUE



JOYCE



VASCO



RAQUEL



RITA



JAVI

O meu nome é Lucas Rafael, tenho 19 anos e frequento um curso superior de artes. Desde que me lembro, sempre tive um fascínio por artes e, quando era mais novo, comecei a interessar-me por ilustração e multimédia, o que me levou a seguir essas áreas como carreira profissional. Nos meus tempos livres, gosto de jogar videojogos com os meus amigos, desenhar, criar personagens e ler banda desenhada enquanto ouço as minhas músicas favoritas. Sou introvertido, mas gosto de conhecer novas pessoas e novas culturas, o que me levou a participar em programas de Erasmus+

Foram experiências únicas e importantes para mim, pois conheci pessoas incríveis que nunca irei esquecer e que me ajudarão a aceitar como sou e a não ter medo de o ser.

ENTREVISTA DO MÊS : LUCAS RAFAEL

Um desses programas de Erasmus + teve uma temática mais específica, onde abordamos os tópicos de género e sexualidade e aprendemos como trabalhá-los com os mais jovens. Desde o início, senti, no meio daquelas pessoas, um espaço seguro, onde podia me assumir como uma pessoa trans sem receio. Ao longo das atividades, comecei a envolver-me mais com as causas da comunidade LGBTQ+, querendo manifestar uma posição mais ativa. Foi daí, desse pensamento de mudança, que surgiu o meu projeto. Mesmo que a minha área de estudo seja mais focada em trabalhos artísticos, apercebi-me que poderia fazer a diferença e até inspirar mais pessoas com a minha história e conhecimento.

COMO É QUE TU FIZESTE?

Depois do surgimento da minha ideia, comecei a desenvolver o planeamento do projeto, expondo os objetivos e as minhas expectativas. Depois de anotar o que pretendia com este projeto, iniciei a minha investigação de dados, recolhendo informações que achei pertinentes, como notícias e inquéritos, que realçaram a importância e a necessidade de um projeto com as temáticas de género e sexualidade nos dias de hoje. Através do relatório anual “Discriminação contra pessoas LGBTI+” de 2019, realizado e disponibilizado pela ILGA, acabei por notar que o grupo que mais demonstrou preconceito e discriminação foram os jovens entre os 15 aos 24 anos (15,96%), contando que 31,85% das pessoas que foram discriminadas não sabia a faixa etária dos agressores. Também em 2021, no Diário de Notícias publicou uma notícia que afirmava que “a segunda maior causa de morte” “entre os jovens dos 1524 anos” era o suicídio e nos fatores de risco incluiu “discriminação e exclusão social, bullying e cyberbullying, conflitos em torno da identidade sexual, bem como situações de falta de apoio social e sentimentos de solidão.” Com estas informações, levaram-me a definir que este projeto seria indicado para jovens entre os 14 e 18 anos. Para além dos objetivos, defini os locais onde as sessões iriam ocorrer, o orçamento e uma calendarização do projeto que inclui datas que celebram a luta dos direitos LGBTQ+.



O QUE O LEVOU A FAZER NESTE TRABALHO?

Como mencionei anteriormente, uma das minhas principais motivações foi o pensamento de mudança que surgiu durante o programa de Erasmus +. Qualquer um pode mudar algo à sua volta, desde que tenha coragem e determinação em fazê-lo. Nos dias de hoje, ainda noto uma intolerância em explorar estes assuntos, principalmente com os mais jovens, alegando que são “demasiado imaturos” para os compreender ou refletir. Porém, ao refletir

nos objetos do projeto, percebíveis do meu quanto é importante a abordagem destes temas durante o nosso crescimento, pois acredito que o preconceito e a discriminação começam pela desinformação e pelo não esclarecimento dos conceitos e das dúvidas. Afinal, é na adolescência que desenvolvemos a nossa forma de pensar e é o momento em que somos introduzidos à Educação Sexual, sendo um período de transição que é marcado pela nossa própria exploração e questionamento. Eu mesmo, durante a minha adolescência, tive as minhas próprias dúvidas e nenhuma dessas temáticas tinha sido explicada ou explorada, o que me levou a criar pensamentos e conclusões erradas.

O QUE É QUE QUERIAS DESTACAR?

Para além de querer destacar a importância dos esclarecimentos destes temas numa idade mais jovem, gostaria de conseguir destacar com este projeto outros aspetos essenciais, como fazer com que as pessoas reconheçam os seus próprios preconceitos importantes desconstruí-los e trabalhem estereótipos, sendo eles; a abordagem e a exploração da diversidade corporal, demonstrando que todos nós somos diferentes e que devemos amar-nos como somos; a distinção dos termos ligados ao género e à sexualidade para conseguir compreender melhor; e a importância da criação de espaços seguros nos locais de trabalho, escola, casa e com amigos onde todos se sintam incluídos e ouvidos, desenvolvendo neles momentos de debate e reflexão e criando assim solidariedade e espírito crítico.

O QUE PENSAS SOBRE OS DIREITOS LGBTQ+ EM PORTUGAL?

Ao longo dos anos, o movimento LGBTQI+ tem crescido em Portugal e por causa desse reconhecimento, houve mudanças nas leis portuguesas, nomeadamente a legalização da homossexualidade, a criminalização de discursos de ódio, a legalização do casamento entre pessoas do mesmo género e uma das mais recentes, direito à autodeterminação da identidade e expressão de género e leis de proteção às características sexuais. Houveram mudanças significativas, contudo, ainda sinto a resistência e intolerância em relação aos temas sobre género e sexualidade. Infelizmente, ainda é visível essa intolerância e casos de discriminação em Portugal que ocorrem na rua, online, em casa ou na escola, o que acaba por transmitir uma sensação de insegurança e medo.

COMO PODE A SITUAÇÃO SER MELHORADA?

Acredito que o próximo passo para conseguirmos melhorar a situação em Portugal será mudar a mentalidade das pessoas e trabalhar a discriminação, o preconceito com estas pessoas. Para isso acontecer, seria importante a criação e a falta de empatia para de mais projetos, workshops e conferências, investir numa representatividade mais positiva sobre a comunidade LGBTQI+ e incentivar à renovação de uma educação sexual e uma cidadania mais inclusiva.

PODES PARTILHAR ALGUMA PERSONALIDADE INTERESSANTE, FIL QUE FALEM SOBRE O ASSUNTO?

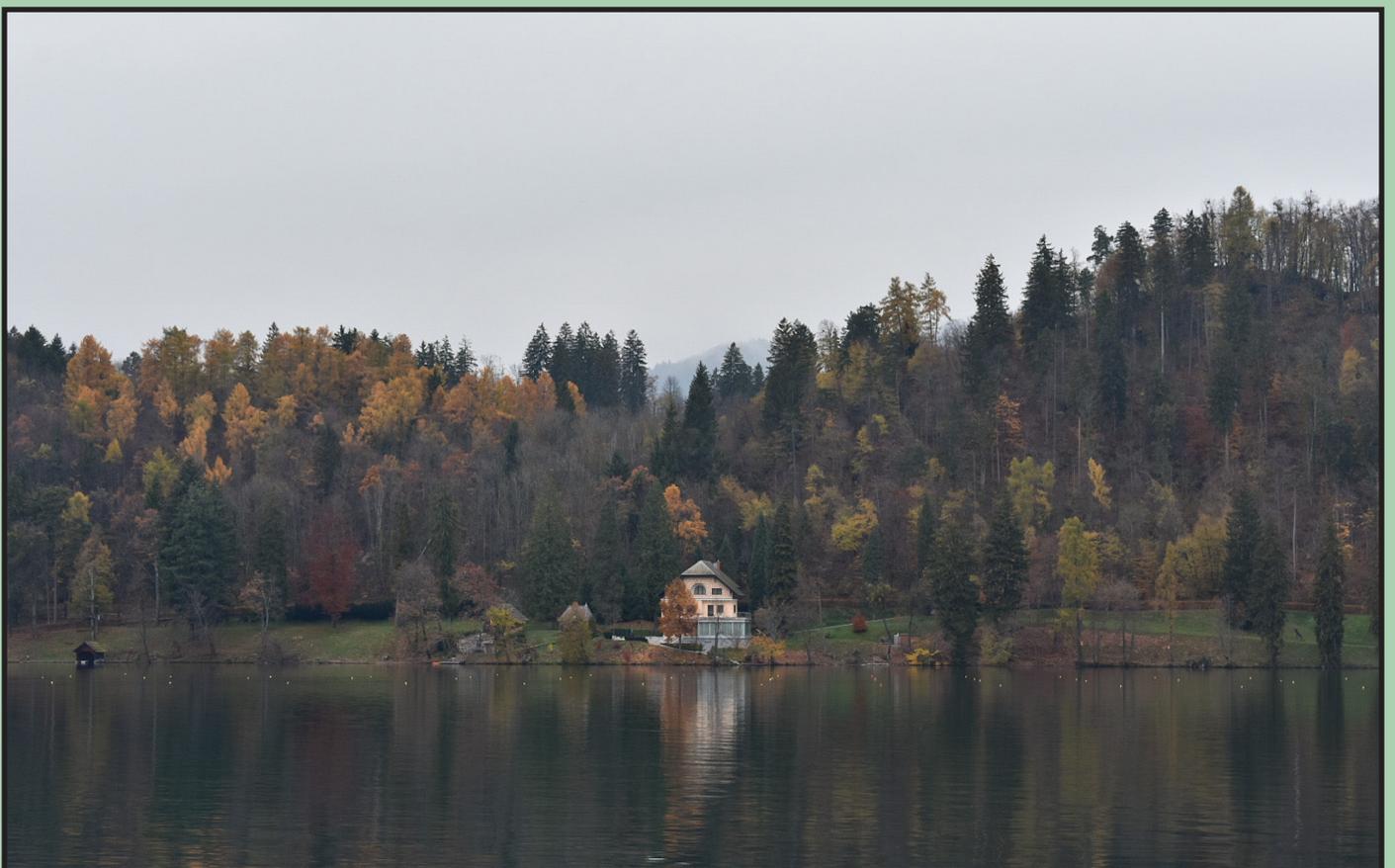
Cada vez mais as temáticas LGBTQI+ aparecem representadas no cinema e na literatura, contudo acabamos por muitas vezes ser apresentados a conteúdos com imagens estereotipadas e mal abordadas, transmitindo uma distorção da realidade. Aqui em Portugal, existem inúmeras associações como a Rede ex aequo, a AMPLOS, ILGA Portugal, Plano I, Centro GIS, API, Não te privas, entre outras e grupos como GRIT que prestam apoio e auxílio às pessoas LGBTQI+, oferecendo acesso a recursos comunitários como consultas de psicologia mais acessíveis, linhas de apoio, grupos onde as pessoas podem partilhar o que sentem e conhecer novas pessoas, projetos de voluntariado e acesso a materiais e guias. Atualmente, estou a acompanhar tanto o livro como a série "Heartstopper", escrita e desenhada pela Alice Oseman, e na minha opinião, é um livro agradável repleto de diversidade e que representa a temática LGBTQI+ na adolescência, de descobrimento. Recomendo vivamente!

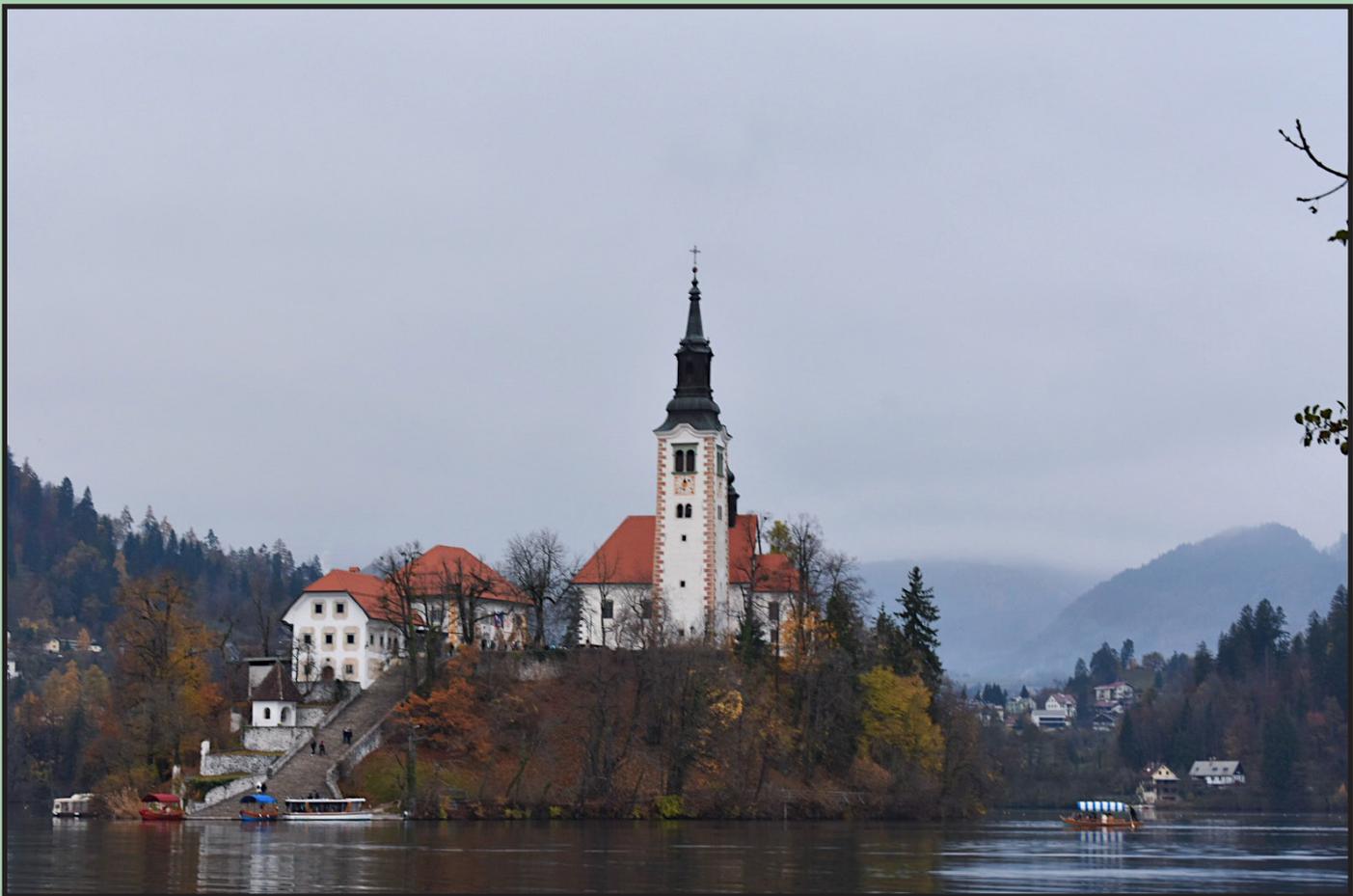


POR RAQUEL



ESLOVÉNIA





POR HENRIQUE

Videojogos e as personagens LGBTQ+



A representação de personagens da comunidade LGBTQ+ em videogames vem, basicamente, desde os anos 80, com jogos como "Super Mario Bros". Porém, não é segredo nenhum que só até há relativamente pouco tempo atrás é que jogos mainstream têm incluído personagens da comunidade LGBTQ+. Jogos como "The Last Of Us", "Borderlands", "Cyberpunk 2077" e "Life Is Strange" têm várias personagens bissexuais ou homossexuais - não pela piada ou só porque sim, mas, sim, porque essa característica tem influência no desenvolvimento do jogo e na experiência da pessoa que joga.

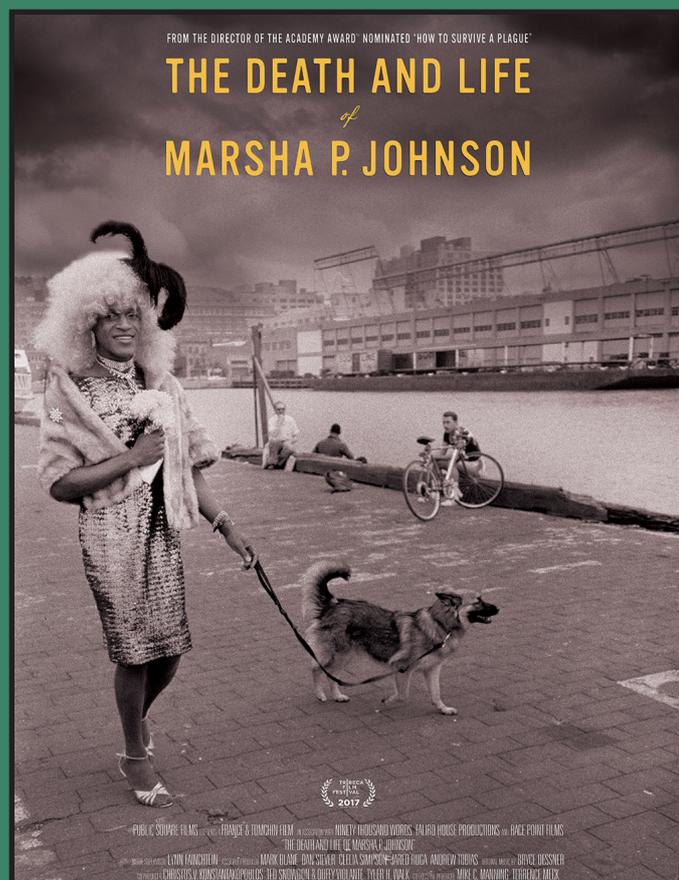
Apesar de tudo o que disse, sinto que continua a haver uma dificuldade e um preconceito, seja da parte de quem fez o jogo ou de quem o joga, de ver personagens homossexuais masculinas a demonstrarem afeto, penso que vem do facto das relações lésbicas serem extremamente sexualizadas e fantasiadas, daí a falta de personagens homossexuais masculinas a beijarem-se, abraçarem-se ou dizerem algo "piroso". Pessoalmente, penso que a representação da comunidade LGBTQ+ em videogames é extremamente importante, biliões de pessoas jogam o que faz com que os jogos possam ser uma plataforma de desconstrução de preconceitos e estereótipos, mas penso que esta representação na maioria das vezes é feita para o jogo poder ser mais aceite pelo público e partilhado, não considero que seja o caminho a seguir, mas sim que uma representação historicamente correta e feita por pessoas também da comunidade LGBTQ+ é extremamente importante.

10 SUGESTÕES DE FILMES E SÉRIES PARA CELEBRARMOS O MÊS DO ORGULHO LGBTQIA+

No dia 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, celebra-se o direito à diversidade e a luta pela igualdade. A importância deste dia remonta a 1969, ao bairro de Greenwich Village, na cidade de Nova Iorque. Foi nessa madrugada que a polícia invadiu Stonewall Inn, um bar popular normalmente frequentado pela comunidade, e prendeu várias pessoas, sob o pretexto de consumo de bebidas sem licença, agredindo todos os que tentavam resistir. De notar que, na altura, os direitos da comunidade LGBTQIA+ eram bastante restritos, ao ponto de o consumo de bebidas ser considerado ilegal - tal como duas pessoas do mesmo sexo dançarem juntas, por exemplo.

Face a um contexto social altamente marcado pela discriminação, violência e brutalidade policial, a comunidade respondeu com manifestações e protestos que rapidamente se espalharam pela cidade. Essas ações de protesto ficaram conhecidas como “A Revolta de Stonewall”, e simbolizam o ponto de viragem para o movimento de libertação e revolução sexual da década de 70, não apenas nos Estados Unidos, mas a nível mundial também: um ano depois, começaria a celebrar-se a primeira Marcha do Orgulho LGBTQIA+, que se mantém até aos dias de hoje.

Trazemos-te, neste mês do Pride, uma lista de recomendações de filmes e séries que abordam diferentes histórias e perspetivas da comunidade LGBTQIA+. Além de celebrar, é também necessário refletir acerca do caminho que ainda falta percorrer, bem como sensibilizar todas as pessoas para a falta de liberdade e direitos que a comunidade LGBTQIA+ ainda enfrenta.



The Death and Life of Marsha P. Johnson (2017)

Marsha P. Johnson foi uma mulher transgénero negra e ativista, tornando-se numa das vozes mais importantes e proeminentes da Revolta de Stonewall da luta LGBTQIA+, em conjunto com Sylvia Rivera, também ela mulher transgénero, de origem latina. Entre outras iniciativas, juntas fundaram o STAR – Street Transvestite Action Revolutionaries, através do qual lutavam pelo direito à habitação para jovens gays e travestis em situação de sem-abrigo. Marsha morreu em 1992, sob circunstâncias suspeitas, depois de uma vida marcada por violência e ameaças constantes, num contexto social altamente discriminador e perigoso para as pessoas da comunidade LGBTQIA+, nomeadamente mulheres transgénero. Neste documentário, realizado por David France, a também ativista e sua amiga Victoria Cruz tenta encontrar respostas para a sua morte, mostrando-nos, ao mesmo tempo, através de material de arquivo e de entrevistas, a importância inegável de Marsha na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIA+.

Tangerine (2015)

Protagonizada por duas mulheres transgênero - as atrizes Kitana Kiki Rodriguez e Mya Taylor – a história desenrola-se à volta de duas amigas, que juntas planeiam encontrar a amante do namorado de Sin-Dee Rela, a personagem de Kitana, depois desta saber de uma suposta traição. Este filme, uma comédia dramática realizada por Sean Baker, caracteriza-se pela particularidade de ter sido inteiramente filmada usando um Iphone 5S. Ganhou vários prémios internacionais, nomeadamente o de melhor longa-metragem no Cork International Film Festival, em 2015, e o de melhor cinematografia nos Chlotrudis Awards, em 2016.

POR JOYCE



Moonlight (2016)

Moonlight conta-nos a história de Chiron, um jovem negro afro-americano na busca pela sua identidade e sexualidade. O filme divide-se em três atos temporais, representando a sua infância, adolescência e idade adulta, bem como todas as adversidades que enfrenta ao longo da sua vida. Realizado por Berry Jenkins, foi o primeiro filme com um elenco inteiramente constituído por afro-americanos e o primeiro filme com um personagem gay a ganhar o óscar de melhor filme, entre outros prémios, em 2017.

Carol (2015)

Cate Blanchett e Rooney Mara protagonizam um romance lésbico durante os anos 50 em Nova Iorque. O filme é, acima de tudo, uma história de amor e de intimidade entre duas pessoas de contextos sociais completamente diferentes. Realizado por Todd Haynes, o filme é baseado no livro "The Rice of Salt", de Patricia Highsmith de 1952. Ganhou o prémio-Queer Palm no Festival de Cannes de 2015, e Rooney Mara ganhou o Óscar de melhor atriz pela sua performance. Foi considerado pelo American Film Institute como um dos 10 melhores filmes do ano de 2015.



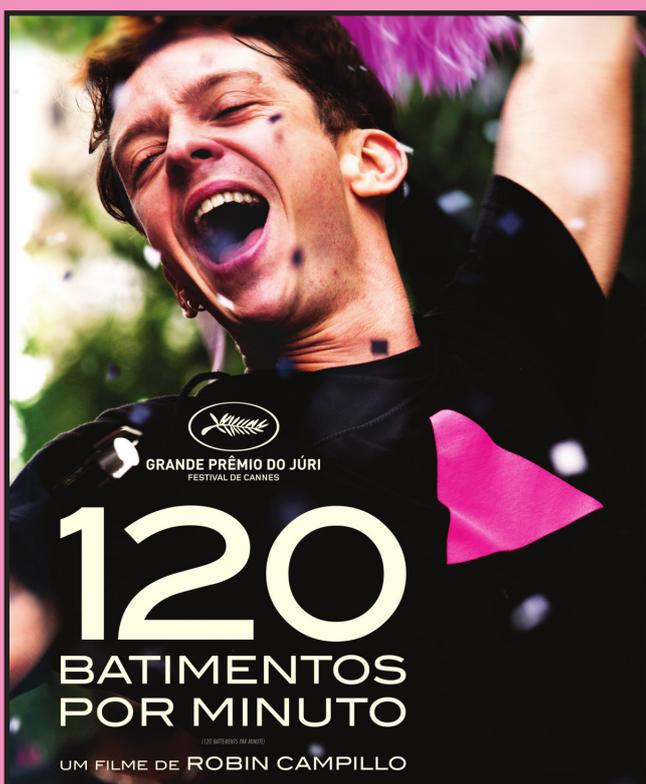
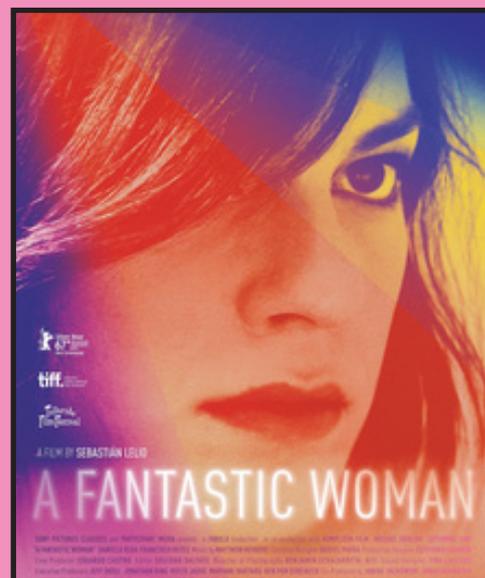


Rafiki (2018)

Da realizadora queniana Wanuri Kahiu, o filme acompanha as jovens Kena e Ziki, que apesar da rivalidade política entre as suas famílias, se tornam amigas e se apaixonam. No entanto, o amor intenso que vivem colide com o conservadorismo e tradicionalismo da sua comunidade. Ambas são confrontadas com diversas situações que põem em causa a sua relação e até a sua segurança e integridade física. Sendo a homossexualidade ilegal no Quênia, o filme viu-se envolto em várias polémicas, ao ponto de ter sido banido dos cinemas nacionais. No entanto, o filme foi altamente aclamado a nível internacional, tendo ganho vários prémios de renome.

Una Mujer Fantástica (2017)

Uma co-produção chilena e alemã, que mistura drama com elementos do fantástico, o filme é sobre Marina, uma cantora e mulher transgénero protagonizada pela atriz Daniela Veja. Marina vê-se enfrentada com a morte do seu namorado, e é obrigada a lidar com diversas consequências, desde ameaças por parte da família do namorado, a assédio por parte da polícia. Ao longo do filme, Marina tenta proteger-se e defender os seus direitos e dignidade face a todas as adversidades e discriminações. Realizado por Sebastián Lelio, o filme ganhou o óscar de melhor filme de língua estrangeira em 2018.

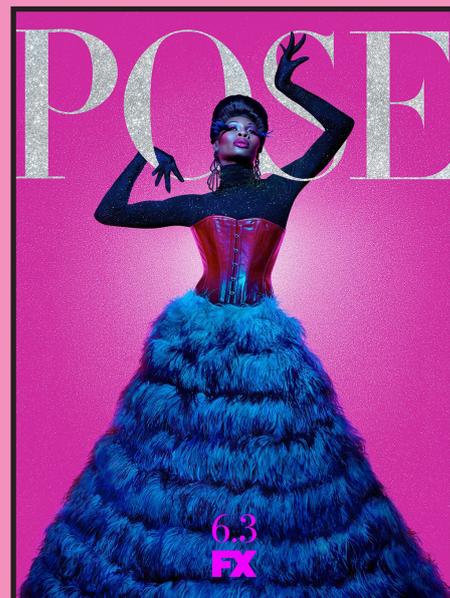


BPM (Beats Per Minute) (2017)

Este drama, realizado por Robin Campillo, passa-se no início dos anos 90, marcado pela epidemia da sida e dos preconceitos relativamente à doença e a sua relação com a homossexualidade. A história acompanha os jovens ativistas do grupo Act Up Paris, e as suas reivindicações face à inércia do governo e às farmacêuticas que lucram com o negócio da medicação. Nathan, um dos jovens que se acaba de juntar ao movimento, desenvolve uma relação com Sean, um dos membros militantes. O filme ganhou vários prémios internacionais, nomeadamente o grande prémio do júri no Festival de Cannes de 2017.

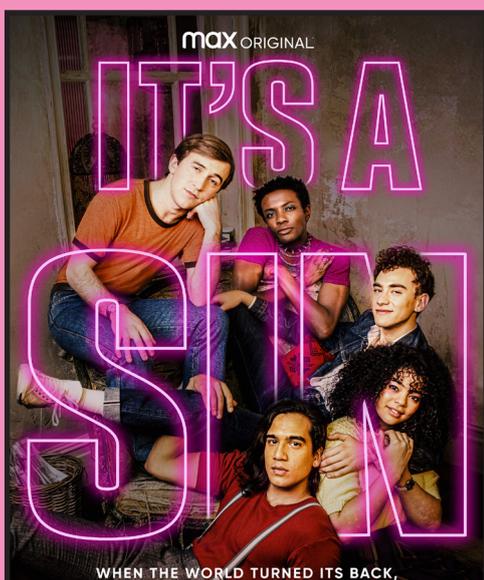
Pose (2018-2021)

Esta série da HBO retrata a cultura de ballroom em Nova Iorque durante os anos 80 e 90, enquanto espaço de pertença e afirmação da comunidade gay e transgénero. Além disso, aborda outros temas sociais políticos como a epidemia da SIDA, a crise económica e a exclusão social, e mostra como, historicamente, a comunidade LGBTQIA+ tem sido alvo de tamanhas opressões e discriminações. No entanto, também nos mostra que o amor, a amizade e a união prevalecem acima de tudo. Baseada em histórias, eventos e pessoas reais, a série ganhou o prémio de programa de televisão do ano 2020 do American Film Institute e é, até hoje, a série com o maior elenco de atrizes e atores trans-género da história.



Veneno (2020)

Veneno é uma mini-série biográfica da HBO sobre a vida de Cristina Ortiz Rodríguez, mais conhecida pelo seu nome artístico La Veneno, uma mulher transgénero, atriz, cantora e estrela da televisão espanhola. Cristina La Veneno é conhecida por ser uma das primeiras mulheres trans a chegar aos ecrãs espanhóis e é reconhecida como um dos mais importantes ícones da comunidade LGBTQIA+ do seu país. A série mostra-nos a sua história de conquistas e sucesso, mas também de sofrimento e declínio.



It's A Sin (2021)

A série acompanha a vida de um grupo de amigos de diferentes origens, na cidade de Londres, do início dos anos 80 ao início dos anos 90. Na busca pela sua sexualidade e independência, confrontam-se com o surto de SIDA/HIV que surge no Reino Unido, e que irá afetar as suas vidas para sempre. Apesar da ameaça do vírus e das perdas que causa, o grupo de amigos mantém-se determinado a viver e a lutar por justiça.

POR CATARINA

Olá,

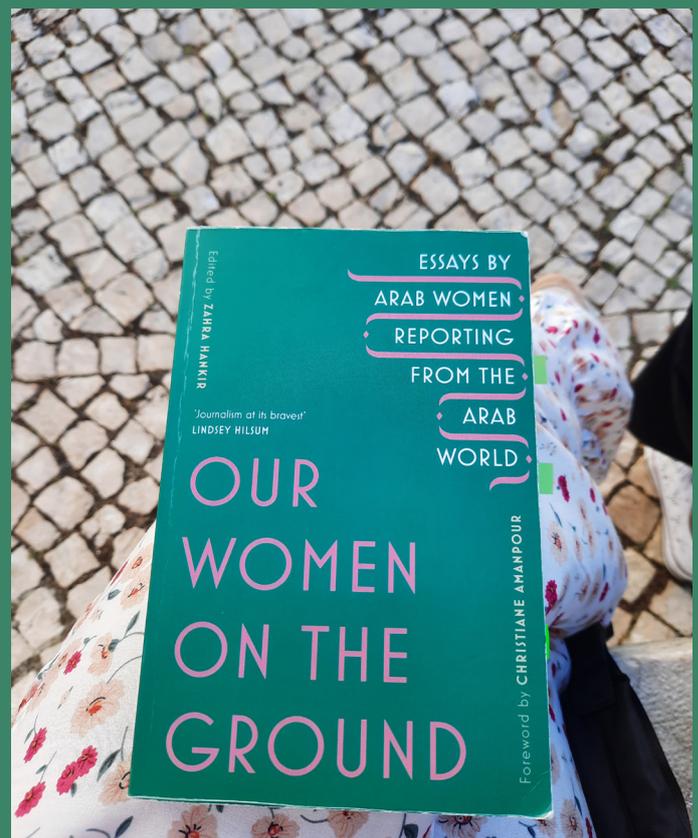
Nesta edição, decidi escrever sobre um livro que li em janeiro. Atrevo-me a dizer que escrevi sobre o livro mais bonito que li este ano!

É certo que ainda nem a meio do ano chegámos, mas, no meio de tanto caos e desfortúnio destes últimos meses, este livro, embora ele próprio muito complexo e repleto de caos, transmite uma perspetiva interessante sobre o conceito de coragem, perseverança e sobre o árduo trabalho de várias jornalistas no Médio Oriente.

OUR WOMEN ON THE GROUND
**ESSAYS BY ARAB
WOMEN REPORTING
FROM THE ARAB WORLD**

O livro que vos trago é o Our Women on the ground. Por mais incrível que pareça, chegou até mim através do Twitter. Afinal, as redes sociais têm coisas boas! Por ter um grande interesse no Médio Oriente e por acompanhar muito de perto o Líbano, sigo, há vários anos, a jornalista, libanesa-britânica, Zahra Hankir. Foi Zahra quem teve a ideia de juntar os textos de 19 jornalistas árabes e de lhes dar total liberdade para escreverem sobre o seu esforço e dedicação, sobre os bons e os maus momentos do que é ser jornalista/ou fotojornalista no Médio Oriente.

O livro Our Women on the Ground, não é, utilizando o mais comum dos clichés, um livro fácil! Fala sobre luto pessoal, sobre a perda de um país, como no caso sírio, fala sobre as dificuldades de ser mulher e jornalista... A verdade é que não me costumo emocionar quando leio livros, talvez por faltar o estímulo visual (nem sempre é possível imaginar o que esta a ser narrado) mas este livro tem a capacidade (talvez por serem testemunhos pessoais e demasiado reais) de nos transportar, por momentos, para àquela realidade... foram várias as vezes que tive de parar e contar até 3 antes de continuar.



Escrever sobre um livro é um exercício complexo: por um lado, não quero parecer uma crítica literária - não tenho tais capacidades, nem sinto que a minha opinião valha mais do que a de qualquer outra pessoa - mas pensei que seria algo 'egoísta' guardar para mim este livro. A minha ideia não é analisar o livro, texto a texto, mas sim dar-vos a conhecer um bocadinho, muito pequenino, desta obra de forma a despertar a vossa curiosidade.

O livro está dividido em cinco partes: Memória/recordações, fogo cruzado, resiliência, exílio e transição. Como poderão imaginar pelo nome de cada uma das partes, são vários os temas abordados ao longo do livro. Vamos então explorar um pouco.

A Hannah Allam, a Nada Bakri, a Hwaida Saad e a Lina Attalah escreveram sobre as suas memórias, umas mais distantes outras mais recentes, como a morte do marido da Nada Bakri, também ele jornalista, na fronteira entre a Turquia e a Síria.

Sobre o seu tempo no Iraque, Hannah Allam, escreve:

"O que é ser mulher no Iraque? As mulheres que conheci, trabalhavam de forma incansável para manterem alguma normalidade, mesmo quando se encontravam a viver no meio do caos" (p.9)

A Jane Arraf, a Natacha Yazbeck, a Nour Malas e a Hind Hassan, escreveram sobre as suas experiências no meio de "fogo cruzado" na Síria e no Iraque. Já da terceira parte do livro - resiliência, deixo-vos um excerto do meu texto favorito escrito por Amira Al-Sharif, uma fotógrafa iemenita:

"Mas apesar da morte, fome e miséria, a vida continua no Iémen. Esta realidade agri-doce de corpos mutilados e esfomeados que coexiste com os aspetos mais rotineiros da vida quotidiana, definiu a minha abordagem em relação às imagens. Os fotógrafos ocidentais tendem a ser atraídos pela carnificina, mas eu tenho continuado a procurar a outra parte do Iémen que está cheia de vida, amor e esperança". (p.157)

Quando chegarem à quarta parte do livro - exílio, irão ler os textos de Asmaa al-Ghoul, de Heba Shibani, de Lina Sinjab e de Zaina Erhaim, da qual vos deixo um excerto do seu testemunho:

"Cometi todos os pecados que poderiam ser potencialmente cometidos numa zona de guerra tão horrível. Sou síria; uma mulher que viveu no mais masculino dos espaços; uma jornalista numa terra de senhores da guerra; uma secularista que vive entre diferentes tipos de extremistas e jihadistas estrangeiros; e uma defensora dos direitos humanos entre criminosos de guerra, alguns deles afirmavam estar a lutar pelo outro lado, e outros afirmavam estar a favor da liberdade, do meu lado. Tudo isto combinado significava que eu tinha mais medo de ser assassinada do que de ser morta aleatoriamente pelo exército sírio" (p. 213)



Por último, quando chegarem ao fim do livro e se depararem com o texto escrito por Roula Khalaf, uma jornalista libanesa-britânica, irão ler o testemunho de alguém com muita experiência, tendo sido correspondente do Financial Times no Norte de África e no Médio Oriente. Roula termina a sua intervenção com uma ideia que vale a pena partilhar, pelo menos para mim, este excerto, traduz a base de partida deste livro - a importância do trabalho destas (e de outras) jornalistas. Aqui vai:

“O jornalismo em sociedades fechadas e opressivas é um desafio. E escrever uma reportagem jornalística sob este tipo de pressão pode ser condicionado, de forma a não ultrapassar ‘linhas vermelhas’ ou omitir informação mais sensível que descobriram. Mas escrever à distância ou confiar em fontes de oposição exiladas também pode distorcer uma realidade complexa e perpetuar estereótipos de países e sociedades” (p.263)

Por mais banal que soe, este livro é uma viagem que percorre o Norte de África, de Mar-rocós ao Egito, passando pela Líbia, até à zona do Levante e à Península Arábica.

Deixa-nos muitas vezes sem saber bem o que pensar e revoltados por não utilizar nenhum tipo de eufemismo para descrever a realidade e é por isso que, embora revoltante, considero este livro tão, mas tão bonito! Tenho sempre muita dificuldade em escrever um texto subjetivo, talvez fosse melhor mudar de estratégia, eu sei! Consigo escrever bem sobre algo que seja racional: isto é assim porque x e y. É mais fácil!!! Por isso, quando me propus a escrever sobre este livro fiquei logo nervosa por achar que não estava à altura. É um livro demasiado complexo (e bonito) para escrever, apenas, meia dúzia de palavras, por isso preferi "dar voz" às autoras afinal, elas compreendem as situações descritas muito melhor do que eu.

Numa nota menos positiva para terminar o meu artigo, não existe, infelizmente, uma tradução portuguesa, mas se se sentirem confortáveis a ler noutra língua, é, sem dúvida, um livro que recomendo muitíssimo!

Ps: todos os excertos foram traduzidos por mim (qualquer erro, peço desde já desculpa)
Até à próxima!

Catarina

E finalmente chegámos ao mês da representatividade da comunidade LGBT, PRIDE MOOONTH!

Não podia perder esta oportunidade para vos apresentar os melhores cantinhos cheios de representatividade por Lisboa (e arredores) e com isto posso dizer: sítios cheios de boas vibes, alegria e amor.

SÍTIOS LGBT EM LISBOA

Como sabemos o Pride Month celebra a luta pelos direitos civis e pela procura contínua da igualdade e da justiça para com os membros da comunidade LGBTQIA+ e perguntam-se vocês “porquê em Junho?” Ora, vamos voltar ao ano de 1969 em Nova York, é dia 28 de Junho e várias autoridades invadiram o Stonewall Inn – um bar gay super popular – prenderam os funcionários por venderem bebidas alcoólicas sem licença, nisto tudo houve uma agressão por parte da polícia perante aqueles que mostraram resistência. Nas ruas de NY, os cidadãos observavam tudo já fartos destes abusos pois tornara-se muito comum para com os membros da comunidade, então decidiram durante uma semana consecutiva pronunciarem-se e manifestar contra a discriminação dos homossexuais. Esta revolta espalhou-se pela cidade e ficou conhecida como a revolta

de Stonewall, e claro, pelo nascimento do movimento dos direitos dos homossexuais. No ano seguinte a marcha ficou programada para esse mesmo dia, 28 de Junho de 1970, comemorando assim um ano deste levantamento. Apesar de o movimento não ter sido discutido politicamente, os membros da comunidade sentiam orgulho na sua identidade sexual, e foi esse mesmo sentimento que serviu de tema para a primeira marcha, e decerto para todas aquelas que dela resultaram até aos dias de hoje. Depois desta grande lição de história, vou passar a ação e apresentar-vos os cantinhos mais acolhedores e coloridos da cidade:



Brunch e humm... Drag?

O Drag Taste oferece-te uma experiência incrível enquanto estás a disfrutar do teu delicioso brunch (ou qualquer outra refeição), no qual vais ter direito às saudações da Hospedeira Drag e da cultura Drag por completo. Durante a hora de cocktail podes apreciar um bom champanhe, da mesa de bilhar e do show Drag DJ ao vivo. Sim, leste bem!! Um show de Drags, cheio de performances excelentes, dançarinas incríveis e muito humor enquanto delícias o menu maravilhoso deles. Honestamente não consigo imaginar cenário mais divertido. Este cantinho cheio de representatividade encontra-se na Rua do Grilo, ao pé de Xabregas e está de portas abertas para os curiosos.

Finalmente PRIDE MONTH!

Apresento-te o Finalmente Club, um espaço noturno cheio de vida e de orgulho. Este bar incrível situado na Mercês foi um dos primeiros a assumir-se como espaço gay em Lisboa, considerando-se como a "única catedral do travesti" e até hoje faz jus à sua reputação. Aqui o não falta são shows de Drags e muita diversão! O clube foi fundado em 1972 e a início não teve muito sucesso, mas se te contar que a evolução deles foi tanta que até o Jean Paul Gaultier e a Katy Perry estiveram lá, acreditas? Pois é, o mundo dá voltas. E tu não podes perder estajornada!





LISBOA, UM ESPAÇO DE CINEMA QUEER!

Apresento-te o Queer Lisboa, o Festival Internacional de Cinema Queer que não vais querer perder. Este festival é perfeito para os amantes de cinema e é um dos mais importantes e antigos fóruns europeus de cinema queer internacional, começou em 1997 e celebra-se todos os anos desde então. O festival tem uma identidade bastante própria e multidisciplinar, onde se organizam atividades mega educativas e mais lúcidas. Para quem é do Porto pode estar descansado que também existe o Queer Porto no mês de Novembro, este pretende chegar aos vários públicos e às diferentes expressões culturais da cidade, tendo um misto de cinema com outras artes, super cool right?! Este festival incrível passa filmes relacionados com a comunidade LGBT, que tratam assuntos como questões de género, identidades ou corpos, um verdadeiro Cinema Queer. Podes ter acesso a estas sessões no Cinema de São Jorge entre os dias 16 e 24 de Setembro em Lisboa e no Porto, no Cinema Batalha entre 29 de Novembro e 4 de Dezembro!

1... 2... 3... TRUMPS!

E quem diz um diz dois. Trumps é uma discoteca “hetero friendly” no Príncipe Real e foi estreada em 1980. O Trumps começou a ser muito frequentado por pessoas associadas à moda e à música, bem como à escrita e à televisão, por isso como podemos ver tem classe. Para não mencionar que Trumps foi falado no livro Histórias da Noite Gay de Lisboa, onde é contada a história da discoteca aberta a um público mais abrangente e que fixou o Príncipe Real como epicentro da noite LGBT em Portugal. Se não gostares de um certo estilo de música, não te preocupes, o espaço é composto por duas pistas e (caso tenhas interesse) três bares. Estou a dar-te mais que motivos para teres uma noite alternativa, excepcional e não te esqueças... dançar até cair!



ESTÁ DE VOLTA O ARRAIAL

Por fim, mas não menos importante, tenho que mencionar o renascimento do Arraial Lisboa Pride. Este arraial é uma festa aberta a todos e é o primeiro evento público de grande visibilidade em Portugal, não só pelo seu enorme impacto, mas especialmente pela união e compaixão que as pessoas transmitem. A associação ILGA PORTUGAL organiza este evento desde 1997, contudo com a pandemia, estes dois anos não foram sucedidos. Este ano a Pride está de volta ao Terreiro do Paço com muitas atuações no palco, tendas, diversos

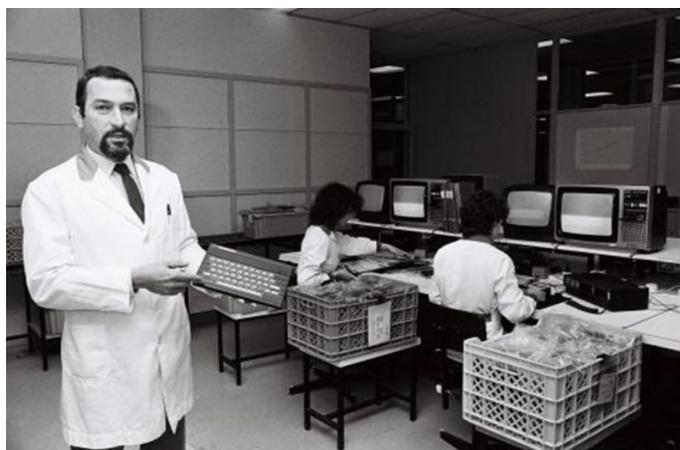
bares e associações LGBT, confesso que não podia estar mais contente por poder participar nesta comemoração juntamente da comunidade. “Este Arraial Lisboa Pride terá de ser feito, obrigatoriamente, para tentar recuperar aquilo que não tivemos durante os últimos dois anos e que sabemos que continuamos a não ter em pleno – oportunidades de nos mostrarmos, de crescermos, de nos sustentarmos e de explorarmos os laços que nos unem.”, cito segundo o site oficial da associação ILGA, este é nosso ano! Espero ver-te lá



Na edição passada acabei por contar um pouco mais sobre a história de um dos clássicos e mais populares videojogos em Portugal na década de 90, o Elifoot. Apesar deste ter sido um dos grandes sucessos na época, é importante perceber que este não foi o primeiro contacto que os portugueses tiveram com um videojogo nacional e, por esse motivo, desta vez trago um pequeno artigo sobre o início da produção de videojogos em Portugal que ajuda a perceber todo o percurso da indústria até à criação do Elifoot.

O INÍCIO DA PRODUÇÃO DE VIDEOJOGOS EM PORTUGAL

Graças ao grande desenvolvimento de electrónica por todo o mundo, em 1971 a Vitrohm, uma empresa de produção de componentes electrónicos dinamarquesa, abre uma unidade de produção em Portugal. Em 1977 esta unidade localizada em Portugal conta já com mais de 500 colaboradores e nesse ano começa a produzir o que muitos consideram a primeira consola portuguesa, a TV Brinca. Esta que possuía alguns jogos baseados no clássico Pong (Atari, 1972), e estima-se que tenha vendido cerca de mil unidades pelo país. A verdade é que esta consola portuguesa não passava de um “clone nacional” da VideoMaster Superscore (1976), produzida no Reino Unido. Contudo a TV Brinca foi uma consola inovadora para o público português e que marcou o início do interesse nacional neste mercado dos videojogos.



Um dos pontos mais importantes quando se fala de videojogos é certamente os computadores domésticos, em Portugal

é preciso destacar a unidade fabril da Timex (uma prestigiada marca de relógios Americana) na Costa da Caparica. Com o aparecimento dos relógios digitais, as fábricas da Timex sofreram alterações no processo de fabrico dos seus produtos, tendo agora uma maior parte tecnológica disponível. Com estas novas propriedades nas suas fábricas, o CEO Fred Olsen, fez um acordo com o empresário e inventor britânico, Clive Sinclair, para produzir os pequenos computadores nas suas fábricas. A unidade portuguesa acabou por ficar encarregue de produzir o computador doméstico ZX-81 para o mercado dos EUA, no entanto este não teve grande sucesso graças aos populares computadores da empresa canadiana Commodore.

Apesar da TV Brinca ter sido produzida em Portugal, os jogos que eram incluídos na mesma não eram portugueses. Só em 1982 surge Laser, este que é considerado como o primeiro videogame português. Ao estar habituado a programar máquinas de calcular, José Oliveira desenvolve este jogo no seu microcomputador ZX-81. Em abril desse mesmo ano surge então uma das criações de Clive Sinclair que mudou o mundo dos videogames para sempre, a criação do ZX Spectrum. Este foi um dos pequenos computadores domésticos que revolucionou o mercado dos videogames.

Muitos destes microcomputadores serviram para jovens começarem a explorar programação e, abraçando o movimento DIY (Do it yourself), produzindo os seus próprios videogames, algo que hoje em dia consideramos como uma produção indie. Após a popularização deste estilo de produção na Inglaterra, não demorou muito até se espalhar por todo o mundo. Este novo conceito de criar videogames de uma forma independente é algo que acompanha a indústria até à atualidade, ao dar asas a novos produtores para exprimirem as suas ideias é possível proporcionar um excelente ambiente criativo para toda a comunidade, logo, as produções indie fazem parte

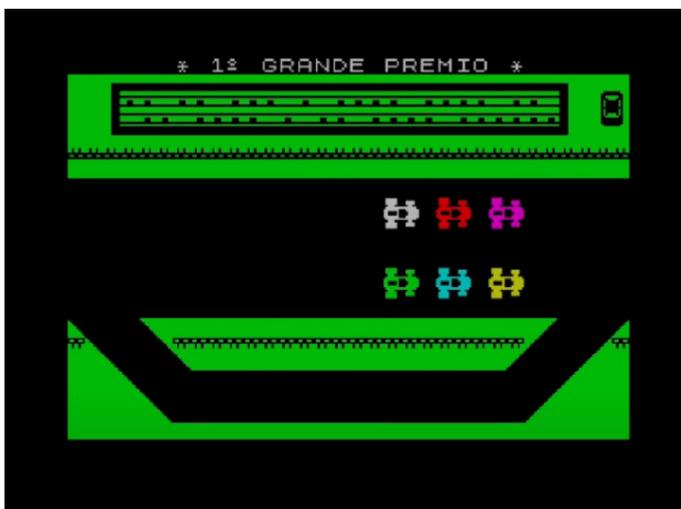
duma vertente muito importante e com um grande impacto no mercado dos videogames, contudo a sua definição não é tão simples como parece. Com o passar dos anos existem diferentes combinações de fatores que influenciam a sua produção, mas existem alguns que se destacam: os projetos desenvolvidos são produzidos individualmente ou com uma pequena equipa e os seus orçamentos são menores que os dos estúdios de maior dimensão.



O ZX Spectrum veio também revolucionar a indústria informática em Portugal, com o aparecimento de um maior leque de informações sobre este setor, como livros, revistas e suplementos de jornais foi despertado o interesse de alguns portugueses e, nestes estão presentes alguns criadores dos títulos que marcaram o início da história dos videogames nacionais. O primeiro português a desenvolver um videogame para este microcomputador foi novamente

José Oliveira, mas desta vez com JIM (1983), uma “cópia” do clássico Jogo do Galo.

No ano seguinte, em 1984, surge Brum-Brum, um videogame criado por Pedro Bandeira e Cunha onde gerimos uma equipa de Fórmula 1, um dos primeiros exemplos em Portugal que demonstra como os desportos da realidade começam a aparecer virtualmente.



vez mais os média, algo que não acontecia no passado.” (Mário Viegas, 2018).

Da autoria de João Costa Pereira e Virgílio Silva, e publicado pela CascaisMicro, em 1986 é lançado Mad'in Ca\$hcais, uma das aventuras de texto de origem nacional mais populares da época. No videojogo somos o próprio Clive Sinclair (o criador da linha de computadores ZX) que vem a Portugal em busca de uma cópia pirata do jogo Elite (Acornsoft, 1984).

Em 1985 surge um dos videojogos mais polémicos da década em Portugal, mas também um dos que se tornou mais popular (não pelos melhores motivos) até aos dias de hoje. O nome deste videojogo é Paradise Café e o nome verdadeiro do seu criador continua um mistério, a única pista que deixou na sua obra foi o nickname “Damatta”. Relativamente ao tema do jogo não é algo fácil de abordar, visto que contém temas menos próprios como tráfico de droga, prostituição, assaltos e violações. Para muitos portugueses dessa geração este videojogo foi algo marcante, visto que na altura estes assuntos eram verdadeiros tabus. “É um conjunto de críticas à sociedade portuguesa da época, transpostas para o mundo digital (...) Essencialmente é um jogo de cariz sexual em que controlamos um personagem que deambula nas ruas, procurando sexo com prostitutas, de porta em porta, comprando e vendendo droga, em que podemos, também, cometer actos de violação a uma idosa e matar quem nos tenta roubar, caso estejamos armados (...) Paradise Café, retrata o pior do lado humano e de uma sociedade. Mas também critica os medos e os podres de uma nação que, quase milenar, vivia uma nova era, onde drogas, criminalidade, prostituição e o escândalo dos famosos começavam a inundar cada



A indústria começou a crescer cada vez mais e com isso acabou por surgir então o primeiro videojogo “legal” em Portugal, este com o título de Talismã (1987). A criação de José Antunes e Moutinho Pereira foi o primeiro videojogo nacional a ser registado na Sociedade Portuguesa de Autores. Originalmente este título foi anunciado com quatro partes, mas apenas duas chegaram a ver a luz do dia.

Nesse mesmo ano um jovem português com apenas 17 anos desenvolve um jogo que se torna um dos maiores sucessos na história dos videojogos nacionais, este jovem era André Elias, o criador do clássico jogo de gestão de futebol Elifoot considerado como um dos primeiros jogos deste tipo no mundo.

Este foi o percurso dos marcos mais notórios

da história dos videojogos portugueses até à criação de Elifoot, mas é também importante perceber que não ficámos por aqui! A indústria dos videojogos portugueses estava apenas no início, numa próxima edição poderei mostrar um pouco mais das criações portuguesas que fizeram parte desta grande indústria ao longo dos anos 2000.

